

## EDUCAÇÃO, GÊNERO E OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DE BAIXADA DE SALINAS (RJ)

JORGE LUIZ DE GOES PEREIRA

**RESUMO** *O artigo discute a relação entre o projeto educacional da Escola-Família (Ibelga) e os projetos de vida de moças e rapazes de Baixada de Salinas (RJ). Trata-se de um estudo de caso realizado através de entrevistas com 46 jovens (20 moças e 26 rapazes), na faixa etária entre 14 e 20 anos. A partir dos relatos dos jovens, posso afirmar que os jovens de Baixada de Salinas desejam permanecer nas atividades agrícolas, mas isso não quer dizer que todos os jovens rurais desejam a mesma coisa. A educação técnica agrícola pode contribuir também para que os jovens do campo vislumbrem oportunidades de trabalho na cidade.*

**PALAVRAS - CHAVE** *Juventude rural; educação; projetos de vida.*

**ABSTRACT** *This article discusses the relationship between the educational project of the Escola-Família (Ibelga) and life projects of young girls and boys of the Baixada de Salinas, state of Rio de Janeiro. It is a case study with 46 interviews: 20 girls and 26 boys, from 14 to 20 years old. Through their answers it can be stated that youths from Baixada de Salinas wants to go on working in agriculture, but not all of them. Agricultural-technical education may contribute also for the rural young people to grasp working opportunities in the cities.*

**KEY WORDS** *Rural youth; education; life projects.*

## INTRODUÇÃO

Os jovens têm sido foco de diferentes análises (GALLAND e LAMBERT, 1993; DURSTON, 1998; CARNEIRO, 1998; entre outros). Todos concordam que as transformações que se vêm processando no meio rural, com a diminuição das atividades agrícolas e o desenvolvimento de atividades não-agrícolas, têm colocado desafios para os jovens, principalmente em relação ao seu futuro que, cada vez mais, se apresenta como incerto. Por outro lado, com a ampliação dos seus espaços de sociabilidade, novos valores têm sido incorporados aos modos de vida dos jovens rurais, demonstrando uma grande capacidade de assimilar as novidades que chegam com a aproximação dos espaços rural e urbano.

Galland e Lambert (1993) colocam que, como resultado de fatores, como a aproximação dos espaços, através da penetração de culturas juvenis urbanas (*rock e blue jeans*), no meio rural francês, a ampliação dos espaços de sociabilidade, a melhoria do acesso à educação, ao mercado de trabalho, à informação, ao transporte e aos espaços de lazer (urbanos) e a diminuição das atividades agrícolas, os jovens rurais se tornaram mais pragmáticos nas suas decisões quanto ao seu futuro. Para os autores, esse “pragmatismo” estaria ligado às suas vantagens e desvantagens econômicas em relação ao contato com a cidade.

Os estudiosos franceses (GALLAND e LAMBERT, 1993) se perguntam se os jovens “rurais”, próximos às áreas urbano-industriais, apresentam ainda particularidades em face do declínio numérico dos jovens agrícolas, da generalização do ensino secundário, da onipresença da mídia e da diminuição dos espaços de produção agrícola camponesa. Apoiando-se nos trabalhos de Nicole Eizner, Galland e Lambert colocam que o que distingue, antes de qualquer coisa, os jovens de seus homólogos urbanos não são mais os valores, as formas específicas de interconhecimento, mas uma vontade de enraizamento, um desejo de viver mais calmo, tranqüilo, com a condição, certamente, de poder combinar

o lugar onde vivem com as facilidades de lazer e de trabalho da cidade.

Em relação aos jovens da América Latina, Rodríguez (1996) e Durston (1998) se perguntam: A realidade em que os jovens rurais estão inseridos os ajuda ou os força a tomar decisões que, nem sempre, são aquelas que um dia foram pensadas ou planejadas? Os estudos de Carneiro (1998) e Pereira (2004) mostram que há, no caso dos jovens brasileiros, uma pluralidade de respostas, de caminhos possíveis, diante dos imponderáveis da vida. O lugar que o jovem ocupa numa determinada sociedade e as características dessa sociedade podem ajudar a definir suas respostas diante das condições ou possibilidades vividas.

Baixada de Salinas, localizada na região serrana do Rio de Janeiro, é uma região dominada pela agricultura familiar, os projetos de vida dos jovens estão direcionados para permanecerem no campo e são incentivados por uma educação técnica voltada para o mundo rural. Contudo, esses projetos representam uma mudança de comportamento em relação às formas tradicionais de produção. Os projetos de vida<sup>1</sup> dos jovens apontam para uma nova categoria no seio da agricultura familiar: o “administrador de negócios familiares”. Por outro lado, esse interesse de permanecer no campo, como agricultor ou administrador familiar, não representa o interesse de todos os jovens. Nota-se, também, que o ensino técnico possibilita mudanças nas relações de gênero e geração. Mas até que ponto uma educação técnica direcionada ao mundo rural contribui efetivamente para que moças e rapazes permaneçam no campo, principalmente, os das famílias de pequenos agricultores descapitalizados, de arrendatários e trabalhadores assalariados?

Neste artigo, discutirei a relação entre o projeto educacional da Escola-Família (Ibelga) e os projetos de vida de moças e rapazes de Baixada de Salinas (RJ). Busco identificar as possibilidades de transformação dos papéis, tradicionalmente vividos pelas moças, no campo, a partir da educação técnica, e o interesse daqueles jovens que não desejam ser agricultores.

1 O projeto de vida, segundo Hernández (2000, s.p.), é definido como “subsistema psicológico principal da pessoa em suas dimensões essenciais de vida [...], é um modelo ideal sobre o qual o indivíduo espelha o que quer ser e fazer, que toma forma concreta na disposição real e suas possibilidades internas e externas de realizá-lo, definindo sua relação com o mundo e consigo mesmo, sua razão de ser como indivíduo em um contexto e tipo de sociedade determinada”.

Trata-se de um estudo de caso, cujo objetivo consiste na observação detalhada de um contexto ou acontecimento específico, e incide sobre um grupo específico, durante um determinado período de tempo (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Esse método busca uma investigação empírica que mantenha características holísticas e significativas de eventos da vida real (ROTHMAN, 1994).

Entretanto, parafraseando Becker (1993), temos de considerar que, na realização de um estudo de caso, é utópica a proposição de se analisarem, em um único estudo, todos os aspectos existentes, ou mesmo, conseguir percebê-los em sua magnitude. Por isso, selecionei pontos de destaque, focando minha atenção nas questões mais relevantes que emergiram das entrevistas com os jovens rurais, alguns pais e com a direção da Escola Técnica Ibelga sobre o futuro dos jovens de Baixada de Salinas (RJ). Foram entrevistados 46 jovens (20 moças e 26 rapazes) na faixa etária entre 14 e 20 anos, que freqüentavam a Escola Técnica Ibelga no ano de 2002. Além das entrevistas com os estudantes, também entrevistei jovens que não freqüentavam a escola, mas residiam na região.<sup>2</sup>

2 Através do questionário socioeconômico, foi possível mapear a situação dos irmãos e irmãs, parentes, namorados(as) dos jovens entrevistados. Realizamos observações de campo em vários momentos da pesquisa, que foram transcritas e depois analisadas por categorias: projetos de vida, educação, família, trabalho e lazer.

3 É importante ressaltarmos que o rural definido aqui pelo IBGE está ligado às atividades agropecuárias, não levando em consideração as atividades não-agrícolas desenvolvidas nessas localidades.

## **CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO**

Baixada de Salinas está localizada no 3º Distrito de Nova Friburgo (RJ). O distrito está a 48 km do centro do município. Sua população residente em 2000, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 7.768 pessoas, a maior população rural<sup>3</sup> do município, assim como de jovens vivendo no meio rural: 21,74% (872 rapazes e 817 moças).

Segundo dados obtidos no Mercado do Produtor da Região Serrana, o distrito é o maior produtor de olericultura do município e do estado do Rio de Janeiro. Basicamente, a região é constituída de médios e pequenos agricultores familiares, cujos produtos comercializados no Mercado do Produtor, próximo à Baixada de

Salinas, estão direcionados para os mercados consumidores dos grandes centros urbanos.

Há uma grande diferenciação social entre as famílias de Baixada de Salinas. Através das entrevistas, encontrei o seguinte cenário: 63,04% dos jovens colocam que seus pais são proprietários (46,24% podem ser considerados *consolidados*<sup>4</sup> e 16,76% representam os pequenos produtores descapitalizados – *arrendatários*), 32,61% afirmam se tratar de filhos de meeiros ou parceiros e 4,35% são filhos de trabalhadores assalariados.

Nota-se que os pequenos produtores descapitalizados são aqueles com menores condições de reprodução, dependendo fortemente da participação de todos os membros da família e, em alguns casos, de parentes e vizinhos. Nessa situação, encontrei também os arrendatários, os que não conseguem realizar investimento e, portanto, encontram-se ameaçados de declínio em sua situação socioeconômica (ABRAMOVAY *et al.*, 1998).

No caso dos arrendatários, geralmente só os homens são considerados os responsáveis pelo arrendamento, eles podem se utilizar das terras de outros familiares quando esses já não trabalham com agricultura. Seus filhos, assim como esposas, desenvolvem outras atividades financeiras no local (comerciantes, motoristas de caminhão, mecânicos, atravessadores, diaristas, faxineiras, balconista, entre outras) ou na cidade. Essa condição atinge, preferencialmente, a terceira geração (casais jovens), que, na condição de pequenos agricultores descapitalizados com pouca terra, se utiliza da relação de *meia* com seus parentes.

É importante colocar, ainda, que, segundo informações dos produtores rurais, a relação de *meia* tem diminuído na região devido aos baixos preços dos produtos agrícolas, à fragmentação das propriedades através da herança e à venda de lotes para pessoas da cidade.

Há, também, trabalhadores assalariados que vendem sua força de trabalho para os agricultores consolidados e estes são os mais vulneráveis. Eles buscam, também, trabalhos nas localidades vizinhas e no centro do município.

4 A categoria *proprietários consolidados* se refere aos produtores agrícolas, donos da sua terra e com condições financeiras de reinvestimento na produção.

No caso dos proprietários familiares *consolidados*, suas condições de produção têm sido fortalecidas com políticas públicas, proporcionando aos filhos a oportunidade de continuarem na região. Para os filhos de pequenos produtores descapitalizados (arrendatários), de meeiros e de trabalhadores assalariados, as condições de reprodução social são menores. O que, muitas vezes, aparece como oportunidade de obtenção de renda são as atividades não-agrícolas, principalmente aquelas realizadas na sede do município ou através do turismo, pouco significativas na região, mas atraentes para os jovens.

Contudo, a Escola Técnica Ibelga (Escola-Família), com seu projeto educacional (projeto pedagógico), tem sido uma forte aliada das famílias, para que seus filhos possam permanecer na agricultura. Apontando para uma nova concepção de agricultura, com a adoção de práticas mais modernas (utilização de novas tecnologias) e, em alguns casos, mais ecológicas. A Escola-Família Ibelga procura fazer com que os jovens rurais rompam com práticas agrícolas arcaicas (usar fogo para formar pasto, utilizar arado manual, utilizar ferramentas manuais, entre outras).

Observei que a atuação da Escola Técnica Ibelga procura elevar a auto-estima dos jovens rurais, oferecendo um modelo de educação em consonância com a realidade local, procura fortalecer nos jovens a idéia de que filho ou filha de agricultor deve direcionar sua atenção para uma aprendizagem técnica rural. Mas será que filho de agricultor tem que ser necessariamente agricultor? Há espaço para decisões individuais? Quais as possibilidades de os jovens rurais trilharem outros caminhos?

### **EDUCAÇÃO RURAL: UMA PROPOSTA PARA MANTER OS JOVENS NO CAMPO**

Pereira (2004) e Oliveira (2006) colocam que a juventude, no campo, está marcada pela falta de uma estrutura que venha favorecer a permanência ou consolidação dos espaços agrícolas diante do aumento do contato com a sociedade urbano-industrial.

Devido a essa falta de estrutura, Pereira (2004) ressalta que o investimento em educação e capacitação profissional dos jovens é uma forma de se evitar ou dar segurança na saída temporária ou permanente do campo, assim como amplia a participação dos jovens rurais nos espaços de decisão local.

Os programas de educação escolar tradicionais sempre tomaram como perspectiva a homogeneização na transmissão de conhecimento, isto é, não levavam em consideração os contextos socioculturais de crianças, jovens e adultos (FREIRE, 1983), e, ainda, dos diferentes “rurais”, como, por exemplo, aqueles que trazem no seu seio os movimentos sociais no campo (CALDART, 2000) ou a dinâmica da agricultura familiar. Por outro lado, a representação dominante da educação, no campo, sempre esteve associada à não-necessidade de se educar aqueles que trabalhavam com a agricultura.

Assim, os modelos oficiais de educação não estavam orientados para o desenvolvimento do sujeito, enquanto capaz de intervir na sua realidade social, mas apenas para a transmissão de saberes e habilidades demandados pela produção e pelo mercado. Essa situação apontava para o processo de exclusão contido na lógica do desenvolvimento capitalista (FRIGOTTO, 1996), cujo acesso à educação de qualidade e de ponta se destinaria a poucos, principalmente para os que apresentam as melhores condições de concorrer no mercado de trabalho.

De qualquer forma, as escolas capazes de ampliar as perspectivas de empregabilidade dos jovens rurais, geralmente, se localizavam na cidade. Assim, os projetos de vida dos jovens também apresentavam a possibilidade de se deslocarem para lá. A formação escolar, portanto, aparece como uma possibilidade de os jovens trilharem um caminho diferente dos seus pais, parentes e vizinhos, quando as condições de vida locais são difíceis. Nas entrevistas que realizei com jovens em São Pedro da Serra (PEREIRA, 2004), distrito pertencente também ao município de Nova Friburgo, ela aparece como símbolo de libertação. As famílias se esforçam, inclusive, aumentando a carga de trabalho

de alguns membros da família, para que os considerados mais inteligentes possam progredir na cidade.

Na verdade, o interesse dos jovens pela educação nas escolas da cidade vai depender das escolhas pessoais que estão subordinadas aos projetos familiares e das possibilidades que se vislumbram à sua frente. Por outro lado, quando se investe numa escola cujos programas curriculares levam em consideração a realidade dos produtores e trabalhadores rurais, não necessariamente o interesse de todos os jovens se destina a permanecer nas atividades agrícolas. A educação, no campo, é uma forte aliada dos jovens que desejam permanecer no campo como agricultores ou pecuaristas, porém há outros grupos de jovens no mesmo local que desejam uma educação direcionada para as atividades não-agrícolas, o que não significa que desejam transferir-se definitivamente para os centros urbanos, mas que buscam outras opções, mesmo estando no campo, de realização profissional.

Em 1993, segundo a direção da escola, a agricultura familiar na região de Baixada de Salinas ganha reforço com a fundação da Escola-Família Rei Alberto I, o Ibelga.<sup>5</sup> Com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento dos produtores familiares, essa instituição escolar busca manter os jovens no campo. Por outro lado, esse interesse vem somar-se ao dos agricultores que buscavam ampliar seus negócios através da capacitação dos filhos. Além disso, para os filhos dos agricultores que tinham de se deslocar para fora da localidade em busca de completar os estudos, já era possível concluí-los numa escola rural local.<sup>6</sup>

Era preciso unir a educação à dinâmica da produção agrícola familiar e ao interesse de crianças e jovens, mesmo que, futuramente, eles viessem a decidir trilhar caminhos diferentes daqueles que marcavam a vida dos seus familiares. Na verdade, o ensino técnico oferecido pela escola não responde aos anseios de todos os jovens, já que alguns desejam trabalhar e morar fora do campo, mas amplia os horizontes daqueles que pretendem ficar no lugar de seus pais, quando chegar a hora, ou investir em outras atividades fora da agricultura. Para aqueles que desejam

5 Nos documentos oficiais da escola, consta que o Ibelga é formado pela parceria entre o Disop (uma organização não-governamental) e o Instituto Bélgica Nova Friburgo. Conta ainda com a participação do estado e da prefeitura para a contratação do corpo docente e funcionários auxiliares. As atividades da escola se iniciaram com 39 alunos, tendo, na época da pesquisa, mais de 180, entre crianças e jovens.

6 Informações obtidas através de entrevistas com a direção da escola.

permanecer no campo, como agricultores, apesar de reconhecerem as dificuldades que irão enfrentar (75,23%), pretendem adotar práticas diferentes dos seus pais, numa demonstração da influência do Ibelga e da realidade econômica dessa região, onde, aos poucos, vêm sendo inseridas novas atividades que ampliam as possibilidades de escolhas dos jovens.

Com a instalação do Ibelga no 3º Distrito, com um conteúdo programático e uma pedagogia que contribuem para o desenvolvimento da agricultura familiar, a direção da escola espera que a educação se torne mais próxima da realidade local. Através dela, os filhos poderão investir seu tempo em algo que beneficie suas famílias e seu futuro.

Para os jovens menos favorecidos (arrendatários, meeiros e trabalhadores assalariados), a educação técnica surge como uma maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho dentro ou fora da localidade, nas atividades agrícolas ou não. Para aqueles cujo objetivo é chegar no nível superior, as possibilidades se tornam mais próximas também, visto que o ensino médio possibilita o concurso do vestibular.

Segundo informações que constam no material de propaganda da escola, o Ibelga é criado a partir das experiências dos camponeses franceses cuja preocupação é compartilhar com os brasileiros a necessidade de promoverem a fixação de seus filhos estudantes no campo, proporcionando-lhes educação moderna ao lado de conhecimentos de técnicas agrícolas atualizadas. Segue-se, assim, o modelo de escola-família francesa.<sup>7</sup>

Nesse modelo de escola, as crianças e os jovens permanecem parte da semana ou do mês na escola e outra parte junto a suas famílias, para que as atividades, na propriedade familiar, não sejam prejudicadas, principalmente nos momentos de plantio e colheita, e as crianças e os jovens recebam formação educacional.<sup>8</sup>

Seguindo o modelo da escola-família francesa, o Ibelga foi instalado em Baixada de Salinas por ter sido considerada uma região propícia à agricultura familiar. A escola trabalha com a pedagogia da alternância, que, segundo Pessotti (1981), consiste

7 A escola-família teve sua origem em 1935, na província de Lot-et-Garone, França. A denominação de "casas familiares" prendeu-se ao fato de que os pais, além de instrutores de seus filhos na propriedade familiar, também acumularam a responsabilidade de administrar esse novo tipo de escola (PESSOTTI, 1981).

8 Esse modelo de educação é chamado de Pedagogia da Alternância, muito utilizado nas escolas agrícolas.

em repartir a formação dos jovens em períodos de vivência na escola e na família. Eles permanecem na escola por uma semana em horário integral, retornando a suas casas, onde permanecem pelo mesmo período. Os que necessitam podem pernoitar durante esse tempo na escola, mas, na maioria dos casos, eles retornam todos os dias para suas casas. Esse ritmo alternado busca a conciliação entre a escola e a vida familiar, não permitindo ao jovem desligar-se de sua família. É uma pedagogia que considera que a pessoa se educa mais pelas situações em que vive do que, apenas, pelas tarefas que realiza na escola.

No último ano do nível profissional, é solicitado aos alunos, em grupo ou individualmente, que elaborem um projeto de atividades ligado ao meio rural local, como estratégia de aumentar os rendimentos familiares. Os projetos seguem diferentes direções dentro da localidade, como, por exemplo, agricultura orgânica, ecoturismo rural, criação de animais etc. Observamos, ainda, que a escolha dos projetos se dá, principalmente, pelas oportunidades financeiras e pelo apoio que cada jovem possui, seja através da família, dos parentes, dos vizinhos e, em alguns casos, dos empregadores.

Os projetos são acompanhados pelos professores da escola. Nas entrevistas, 13,4% dos jovens chamam a atenção para o sucesso dos ex-colegas de escola, que já conseguem bons lucros com o desenvolvimento dos seus projetos. Segundo a diretora da escola, o objetivo dos projetos é fazer da propriedade familiar uma extensão da unidade educacional. Ela afirma, ainda, que a escola trabalha com o espírito de solidariedade, onde todos os participantes (família, profissionais e entidades afins) estão diretamente envolvidos no processo educativo e na elaboração e execução dos projetos financeiros dos jovens. Portanto, a proposta educacional do Ibelga é “participativa”, cujas atividades buscam envolver todos os moradores de Baixada de Salinas e adjacências.

Nas entrevistas, fica evidenciada a importância que essa instituição possui no processo socializador dos moradores,

principalmente de crianças e jovens. Além de formadora profissional, ela também oferece um espaço de convivência juvenil e desenvolvimento de sua participação com as organizações dos produtores rurais. Ali, os jovens reafirmam seus laços de amizade, tornam-se mais próximos uns dos outros e estabelecem vínculos afetivos. Mas também aprendem a importância da participação na Associação dos Produtores Rurais, na qual observei jovens ocupando cargos administrativos.

Em entrevistas, moças e rapazes afirmaram que o futuro da agricultura na região depende da forma como os jovens a vêem hoje. As informações e a capacitação profissional proporcionada pelo Ibelga, segundo eles, ajudam a construir uma visão menos perturbadora quanto às incertezas do futuro para alguns deles. Contando com o apoio da família, uma parcela de terra e o conhecimento adquirido na escola, esses jovens se sentem mais seguros. Ao se considerarem rurais, eles informam que, na cidade, os jovens enfrentam mais dificuldades, entre elas, a de possuir um emprego remunerado. As incertezas aparecem mais no discurso daqueles cujo interesse não está nos estudos. Através de depoimentos informais que tive com jovens que não estudam no Ibelga e são filhos de meeiros ou parceiros, observei que, para eles, o mercado de trabalho é considerado a principal batalha a ser enfrentada, dentro ou fora da localidade.

Por outro lado, observei também que, mesmo aqueles jovens que afirmavam se sentirem mais seguros com a formação técnica e que gostariam de permanecer na agricultura, as trajetórias de vida podem apontar outros caminhos. É o caso de dois rapazes, os quais, depois de um ano que os entrevistei, me informaram que estavam trabalhando no comércio da sede do município. Afirmam que o Ibelga foi fundamental para a formação deles, mas permanecer no campo, nas atividades rurais, depende do interesse pessoal e das condições locais. No caso deles, essas duas condições levaram a optar pelo trabalho na cidade, mesmo morando no campo.

Portanto, o Ibelga é uma importante instituição que favorece a permanência dos jovens no campo, ao dirigir seu olhar para as possibilidades que existem na localidade, seja como agricultores ou técnicos agrícolas, ou para a valorização da identidade de produtor rural, mas não garante a permanência dos jovens no campo como agricultores. Diferentemente dos projetos de vida dos jovens de São Pedro da Serra, os projetos de vida dos jovens de Salinas e adjacências falam da permanência no campo, estão direta ou indiretamente relacionados ao mundo rural agrícola, não apenas como um destino, mas também como uma opção a ser trabalhada. Aqui, como em São Pedro, as imagens de rural e urbano também ajudam a construir tais projetos de vida e contribuem para fortalecer a identidade rural. Por outro lado, nem todo aluno do Ibelga quer ser agricultor.

### **PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS DE BAIXADA DE SALINAS**

A construção de projetos de vida individuais dependerá da interação com outros projetos competitivos, como, por exemplo, os projetos familiares, e até mesmo antagônicos, de ordem individual ou coletiva (VELHO, 1994). Hernández (2000), seguindo a tradição dos estudos da psicologia, entende por projeto de vida, de uma parte, como a formação psicológica integradora da pessoa em direções vitais principais que, segundo o autor, envolvem suas relações sociais (trabalho, profissão, família, tempo livre, atividade cultural, sociopolítica, relações de amizade e afetivas, organizacionais, entre outras), de outra, como a expressão do funcionamento de diferentes mecanismos e formações psicológicas que integram todo o campo da experiência pessoal.

Seguindo essa linha de raciocínio, procurarei discutir alguns dos interesses pessoais que ajudam a entender o sentido dos projetos de vida dos jovens e suas possibilidades reais de realização. Segundo Velho (1987), o projeto de vida está imbricado com a idéia de “campo de possibilidades”. Velho (1987), partindo do

pressuposto de que o indivíduo tem uma dimensão culturalmente construída, que é acrescentada ao agente empírico, afirma que a existência de projetos está vinculada a contextos socioculturais específicos, se lida com a ambigüidade fragmentação–totalização. Segundo o autor, o projeto de vida nunca é puro, mas existe referido ao outro, ao social.

Dentro de uma mesma localidade, há diferenciações sociais quanto às condições de reprodução das famílias rurais. Em cada uma delas, os filhos enfrentam diferentes possibilidades de realizar seus projetos quanto ao futuro, mas há também diferenciações entre os jovens ligadas ao gênero, etnia/raça, entre outras, que merecem ser consideradas na elaboração e execução dos projetos.

Em Salinas, os jovens, filhos de pequenos agricultores (proprietários) descapitalizados, podem ser representados com o caso de Raul.<sup>9</sup> Com 19 anos, Raul está no segundo grau técnico. Da geração anterior, somente seus pais permaneceram na agricultura; o restante da família foi para a cidade, logo que as terras da região se valorizaram. Além de Raul, seus pais possuem ainda três filhos entre 8 e 17 anos, e sua irmã, com 17 anos, foi a única que terminou o ensino médio, mas não trabalha. Seus pais estudaram somente até a 4ª série.

Raul é um daqueles que dividem sua atenção entre a roça da família e a Escola-Família Ibelga. O pai não lhe cobra muito a ajuda no trabalho porque entende que é preciso estudar. Ele pretende concluir o ensino médio e ingressar na faculdade, um sonho compartilhado com o pai, que vê, na renda com a futura profissão do filho, a oportunidade de melhorar a produção ou a renda da família.

A busca por uma profissão técnica ou superior também é compartilhada com outros jovens cujas famílias apresentam dificuldades para se manter nas atividades agrícolas. Os jovens buscam carreiras ligadas ao campo, como veterinária, agronomia, biologia e zootécnica, mas há também quem prefira outras carreiras:

9 Todos os nomes aqui são fictícios.

10 Alguns jovens, como Carlos Henrique, fazem cursos fora da cidade, buscando ampliar seus conhecimentos. Não é uma regra, mas há jovens cursando inglês e informática, assim como lutas orientais no centro de Nova Friburgo.

Estou em dúvida entre telecomunicações ou análise de sistema. Não agora, porque estou fazendo eletrônica e já tenho umas propostas de emprego muito boa (C. H. B., rapaz, 18 anos).<sup>10</sup>

Fisioterapia, porque mexe com pessoas, ajuda pessoas, mexe com crianças e adultos (A. T. S., moça, 15 anos).

As condições de Raul informam que, necessitando trabalhar com o pai na lavoura, dificilmente conseguirá chegar à faculdade. Para que isso aconteça, terá que acionar uma rede de relações que, muitas vezes, significará a ida para a casa de algum parente ou conhecido da família na sede do município.

Além da busca por uma profissão, os jovens de Baixada de Salinas apontam a intenção de constituir família e ter filhos, no máximo dois (85% dos entrevistados). Raul coloca que, diferentemente dos seus pais e de outros parentes e moradores da localidade que, em alguns casos, chegaram a cinco filhos, o número pequeno de filhos pode diminuir os sacrifícios enfrentados pelas famílias com baixa capacidade de reprodução social. O matrimônio, segundo esses jovens, só é possível depois que se estabelecem na vida através de um emprego fixo ou do desenvolvimento de uma produção individualizada. Contudo, observa-se que os jovens, nessa localidade, contraem matrimônio na faixa etária entre 14 (mulheres) e 19 anos (homens), momento em que se estão preparando profissionalmente. Assim, mesmo que desejem profissionalizar-se, um casamento prematuro (uma gravidez não desejada) pode representar a não-realização do projeto profissional.

Outra questão é a escolarização das mulheres. No caso do Brasil, a escolarização das mulheres e as novas oportunidades de trabalho são apontadas como as principais causas desse decréscimo das taxas de fecundidade (DURSTON, 1998). A educação recebida na escola técnica (o Ibelga) aparece como um

importante fator nas estratégias das jovens de Baixada de Salinas. Ela amplia as chances de elas conseguirem melhores ocupações de trabalho e reorienta sua visão de mundo quanto à organização familiar.

Anteriormente, comentei que, no final do curso técnico, moças e rapazes são levados a elaborar um projeto de trabalho relacionado à sua realidade. Contudo, nem todos os jovens pensam em continuar trabalhando na área dos projetos de fim de curso. Um pequeno número de jovens, em torno de 15,16%, afirma que só está cursando o colégio técnico agrícola porque os pais insistem ou porque não existe outra escola próxima na região. A formação aparece como uma necessidade de possuir o nível médio, porque pode favorecer a aquisição de um posto de trabalho mais bem remunerado, ou porque os pais querem tal carreira para os filhos de forma que eles mantenham os negócios da família. Mas 84,84% dos jovens pretendem dar continuidade às atividades da família como um desejo, mesmo sabendo que, em alguns casos, outros irmãos é que poderão ser escolhidos para estar à frente dos negócios ou que isso só acontecerá com a divisão da propriedade entre os herdeiros: “Eu pretendo, a princípio, tocar a propriedade. Eu não sei se minhas irmãs vão querer tocar a propriedade depois de casarem. Na parte que ficar para mim, eu pretendo continuar. Eu pretendo administrar tudo” (A. F. B., rapaz, 17 anos).

Os filhos homens, de modo geral, são os mais preferidos para estar à frente dos negócios – “meu irmão vai ficar” (V. M. S., moça, 18 anos) –, mas não existe uma regra de sucessão. O que pude observar é que a realização do curso de técnico agrícola significa que tanto os rapazes quanto as moças estão preparados para levar à frente as atividades agrícolas da família, e isso dependerá de uma negociação com os pais e com os outros irmãos e irmãs. Assim, a obtenção do curso de técnico agrícola por parte das moças não quer dizer necessariamente que elas trabalharão com agricultura, mas estarão habilitadas caso a família precise ou ela deseje: “Talvez fosse bom. Eu nem sei se vou ficar aqui. Como os

meus irmãos casaram e foram embora, talvez eu tenha que ficar” (V. M. C., moça, 20 anos).

Além disso, os entrevistados colocam ser importante a identificação do sujeito com as atividades agropecuárias e que, na falta de filhos homens ou de rapazes que se identifiquem com essas atividades, as moças também podem assumir as atividades agropecuárias, principalmente aquelas com preparo técnico: “Minha irmã vai ficar no lugar do meu pai, porque ela é a que se identifica com ele (pai), faz tudo no sítio. Ela levanta cedo, vai pro curral com meu pai. Se tem que buscar o gado longe, é ela que vai. Ela entrega o leite e meu irmão trabalha fora com construção rural” (N. F. C., rapaz, 25 anos).

Portanto, os papéis de gênero não estão tão rígidos assim que não sejam capazes de se reformular para atender às necessidades familiares ou aos projetos de vida dos jovens. No último caso, o importante não é ser homem ou mulher, mas ter uma identificação com as atividades que podem vir a legitimar uma mudança de papel. Mas observa-se que a possibilidade de as mulheres assumirem a direção da agricultura, na verdade, está subordinada aos interesses/projetos dos filhos homens ou na falta destes.

Abramovay et al. (1998) colocam que as condições de trabalho e permanência no campo são mais favoráveis aos homens adultos. Os jovens e as mulheres enfrentam não somente a falta de oportunidades de trabalho, mas também a discriminação quanto à divisão da propriedade familiar. São as mulheres que menos herdaram terras e a educação acaba sendo uma estratégia para se conseguir um emprego na cidade, o que faz com que elas migrem do seu lugar de origem.

Há também pais que afirmam que, com o estudo, seus filhos poderão “conseguir coisa melhor do que trabalhar na lavoura”. Entre os pais que foram entrevistados (18 pais entre homens e mulheres), 23,22% dos pequenos agricultores descapitalizados (arrendatários, meeiros e trabalhadores assalariados) declaram que o trabalho na roça tem pouco valor, porque o retorno

é pequeno, não vale a pena se sacrificar tanto. Segundo um agricultor entrevistado, de 56 anos, “é para aqueles que não sabem fazer outra coisa a não ser plantar e colher. Só vale a pena para os grandes produtores, que têm mais acesso a crédito e muita terra”. Como já informei, são essas famílias que enfrentam as piores condições de reprodução social, seja pela falta de espaço físico ou de capital para reinvestir na produção.

No caso de Raul, ele comenta que o que seus pais mais esperam dele é que continue estudando. Ele já pensou em parar, mas os pais insistem que continue. Ele afirma que os pais têm razão, visto que as melhores oportunidades de trabalho para jovens podem chegar com o nível superior. Por outro lado, ele acredita que as melhores oportunidades de trabalho estão fora da agricultura, mais diretamente ligadas à sede do município. Mas não pensa em sair do campo, principalmente porque deve ajudar os pais. O coletivo familiar se coloca como uma questão a ser levada em consideração na formulação de seu projeto de vida. Como nos demonstra sua entrevista, há um sentimento de lealdade e reciprocidade aos sacrifícios enfrentados pela família, para que ele estude e consiga se estabelecer na vida: “Eu vou fazer faculdade e, se eu tiver que ajudar financeiramente meus pais, eu vou ajudar. Eles me ajudam sem reclamar”.

Dos jovens entrevistados, 97% informaram que os pais têm um papel importante quanto às decisões sobre o futuro deles, mas deixam a cargo dos filhos a decisão final. Os filhos dos trabalhadores assalariados e, em alguns casos, meeiros, afirmam que a realidade deles representa um desestímulo para sua permanência na agricultura e na escola agrícola. Segundo eles, seus pais se mostram muito favoráveis ao fato de alguns deles optarem por carreiras longe das atividades ligadas à agropecuária. Para esses jovens, a principal preocupação dos pais, hoje, é que os filhos estudem e consigam um bom emprego, nem que para isso tenham que trabalhar na cidade.

Quando perguntados se gostariam de ficar no lugar dos pais quando eles pararem de trabalhar na roça, 40,43% afirmam que

gostariam, 15,22% gostariam de se dedicar a outras atividades, como aquelas não-agrícolas e desenvolvidas fora da localidade: serviço público, serviço técnico-administrativo, área industrial, área de turismo e lazer, entre outros; e 44,35% não souberam responder por que ainda não pensaram no assunto. São os mais jovens, entre 14 e 16 anos (39,13%), que demonstram maiores dúvidas quanto ao que pretendem fazer no futuro. Para 10,90% desses indecisos, isso vai depender do momento, porque existem outros irmãos e será o pai quem decidirá sobre o assunto.

Os que afirmam que gostariam de ficar no lugar dos pais apontam para outra perspectiva no trato com a produção agrícola, principalmente as mulheres, filhas de produtores consolidados, que estudam e não vêem no trabalho braçal a possibilidade de realização do seu projeto de vida. Falam de uma relação indireta com a agricultura:

P – Você pretender trabalhar com agricultura ou pecuária?

R – Acho que não. Como projeto de vida, não. Eu penso em administrar um terreno com meeiros, uma produção, mas trabalhar com agricultura, pegar na enxada, não. Não tenho afinidade e não é para mim. Eu não gosto. Gosto mais de usar a cabeça (V. M. S., moça, 18 anos).

Mas essa perspectiva não se limita a esse extrato social. Ela aparece também no interesse daqueles e daquelas que, mesmo possuindo as menores possibilidades de levarem à frente seus estudos, acreditam que poderão construir uma relação com o trabalho na terra diferente dos seus pais e parentes:

Não sei. Talvez por mais oportunidade da gente tá estudando, eu não ficaria. Eu penso assim: se eu vou fazer faculdade, eu não vou ficar trabalhando só na lavoura. Eu posso até administrar o que eles têm, mas não trabalhar direto na lavoura (M. G., moça, 14 anos).

Ficar no lugar trabalhando, não. Gostaria de ficar assim, tipo administradora. (A. S. F., moça, 16 anos).

Não. Produzindo, não. Eu pretendo mais dar assistência técnica (R. R., moça, 19 nos).

No caso desses jovens, a educação profissional e o acesso ao nível superior tornam-se estratégias fundamentais. A lógica é manter-se nas atividades agropecuárias, mas não necessariamente como trabalhadores diretos. Pensam em articular conhecimento, capacidade de gestão e propriedade, evitando o cansaço que representa o contato direto com a terra. Essa perspectiva que lhes possibilita um distanciamento da imagem do produtor rural, apenas como um trabalhador braçal. Como coloca uma jovem: “Se eu vou fazer faculdade, eu não vou ficar trabalhando ‘só’ na lavoura. Eu posso até administrar o que ‘eles têm’, mas não trabalhar direto na lavoura”. O trabalho braçal na lavoura aparece para essa jovem como uma atividade pesada e que pode ser transformada com a escolarização. Outras jovens colocam a questão do tipo de trabalho executado no campo com as aptidões individuais, considerando que também têm a ver com a formação intelectual:

P – Pretende continuar no lugar dos seus pais?

R – Acho que gostaria sim, mas modificando algumas coisas. Exemplo: modificando alguns pontos no modo de administrar (J. F. C., moça, 20 anos);

R – Preferia botar meeiro, camarada, mas que eu fizesse a administração (N. C. R., moça, 16 anos);

R – Queria, mas de uma forma indireta, não na enxada, aquela coisa de sempre, mas continuar de uma forma indireta (V. M. S., moça, 18 anos).

Observei que as moças são as que mais enfatizam a possibilidade de continuar no campo, mas não trabalhando

diretamente na terra. A imagem do trabalho do campo como algo pesado, cansativo, fala das diferenças de gênero, pois ao homem é atribuído o trabalho pesado, enquanto para as mulheres o trabalho é visto como leve. Para elas, a permanência no campo, de forma diferente dos pais, e quem sabe como os irmãos homens, pode ser possibilitada através de um investimento na formação técnica rural. Elas podem permanecer trabalhando com a agricultura sem que, com isso, exerçam o trabalho direto na terra.

Essa perspectiva também aponta para as diferenciações intergeracionais. Os entrevistados também procuram diferenciar-se dos seus pais, ao se referirem ao trabalho braçal como uma atividade para quem não tem estudo. Na entrevista, uma moça (A. S. F., 16 anos) confessa que “o trabalho manual da agricultura pertence aos pais, está dentro da realidade deles que não estudaram”. Para ela, o estudo é um divisor de águas, independentemente se são parentes, familiares ou amigos. Assim, longe de desejarem ser “lavradores” ou “lavradoras”, muitos jovens apontam a intenção de se tornarem “técnicos ou administradores”, seja por uma condição de gênero ou geracional. Não podemos esquecer-nos de que a formação escolar representa, para muitos jovens (74% dos entrevistados), uma questão de *status* social, principalmente para os filhos dos pequenos produtores que acreditam que poderão melhorar a qualidade do trabalho desenvolvido pela sua família e que receberão um título de técnico agrícola, algo muito valorizado pelos moradores da localidade.

Outra questão são os possíveis conflitos geracionais que os diferentes saberes podem suscitar. Ter escolaridade não é condição suficiente para que os jovens se tornem verdadeiros empresários ou administradores do negócio familiar. Para aquele jovem que projeta “administrar o negócio da família”, a maior dificuldade está no embate dos diferentes saberes em relação à produção que gera conflitos entre as gerações. Em muitos casos, como aquele em que o pai ainda não se consolidou, este não abre mão do poder de decisão sobre os rumos dos negócios da família. Os jovens, entrevistados nessa condição, argumentam que é difícil fazer com

que os pais mudem sua forma de agir. Apesar do conhecimento adquirido pelos filhos na escola técnica, eles se mostram muito reticentes diante das propostas de mudança dos modos de gerir os negócios. É necessário negociar, porque são os pais que detêm os recursos financeiros e exercem uma grande autoridade sobre eles, e que, muitas vezes, essa autoridade está ligada à forma como está organizado o trabalho em família. Esses diferentes olhares sobre os modos de produção agrícola, em alguns casos, fazem com que os jovens se afastem do trabalho familiar, buscando emprego em outras atividades, inclusive fora da agricultura, já que, dessa forma, evitam os conflitos com os pais.

Dos jovens entrevistados, 38% vêm executando atividades não-agrícolas sejam na localidade ou fora dela (emprego informal), ao mesmo tempo em que trabalham com a família na roça e estudam no Ibelga. As atividades não-agrícolas possuem grande importância nas estratégias de sobrevivência dos jovens de famílias de pequenos agricultores, de arrendatários, meeiros e trabalhadores assalariados. Como nos coloca Durston (1998), na América Latina, hoje, grande parte deles trabalha fora da agricultura e vive em localidades rurais. Portanto, não são alternativas incompatíveis. Dessa forma, é preciso proporcionar ao jovem o direito da dupla possibilidade de aprender a ser agricultor ou empresário agrícola, e ao mesmo tempo desenvolver destrezas que podem ser utilizadas em atividades não-agrícolas, no campo ou na cidade. E é isso que apontam os interesses dos diferentes grupos de jovens entrevistados em Baixada de Salinas.

Assim, para aqueles cujas condições de reprodução social são ainda mais difíceis, a aproximação com a sede do município e o estudo no Ibelga podem também ampliar as oportunidades de conseguir uma vida melhor, seja permanecendo no campo com ou sem relações com a agricultura, trabalhando na cidade. De qualquer forma, não existe uma regra, o que existe, para cada jovem, é um campo de possibilidades, diferenciando-se segundo suas condições socioeconômicas e culturais, seus interesses pessoais, exigindo que suas estratégias sejam ao mesmo tempo individuais e coletivas.

Como ressalta Durston (1996), no caso dos jovens rurais, suas estratégias para a realização dos seus projetos de vida se fazem em um universo em que os obstáculos a serem vencidos são ao mesmo tempo seus condicionantes. Um dos principais obstáculos para que os jovens estabeleçam um pensamento estratégico está no peso que a tradição e a autoridade paterna, maior ou menor, dependendo dos pais, possuem. O pai tem sua própria idéia sobre qual deve ser a vida futura dos seus filhos e exerce monopólio sobre as decisões vitais dos filhos. Há, na verdade, uma mescla de elementos de controle sobre a força de trabalho dos filhos adultos com o elemento de responsabilidade para a perpetuação e o fortalecimento do grupo de descendência. Para o autor, mesmo exercendo um grande poder de decisão sobre a vida dos filhos, muitos jovens têm outras aspirações que nem sempre vão na mesma direção de seus pais.

Entretanto, temos que observar que esse monopólio sobre as decisões vitais dos jovens está diminuindo em muitos contextos rurais, como aponta o próprio autor e no estudo de caso aqui apresentado. Há duas razões que têm influenciado nessa diminuição. A primeira delas é a oferta, quase que universal, de três recursos que os pais não controlam: a educação, o emprego assalariado moderno e a migração. Eles dão aos jovens opções que fortalecem sua posição negociadora diante dos pais, fomentando sua reflexão sobre o futuro. A segunda razão diz respeito à percepção dos pais sobre as inovações e ao fato de seus filhos estarem mais bem preparados para manejar-se nesse âmbito. É o caso daqueles pais que, através da assessoria técnica, do contato constante com a escola e com melhores níveis de escolaridade, compreendem a importância da participação dos filhos nos espaços de decisão, mas ainda são muito poucos, segundo os jovens de Baixada de Salinas, os pais que se abrem para negociações. Estão dispostos não só a não ditar as estratégias de vida de seus filhos, como também a apoiá-los moral e materialmente nas estratégias renovadoras que estes elegendem.

Apesar de as relações de gênero, vividas no campo, descritas

por Durston (1996) se mostrarem pouco satisfatórias para as mulheres, em Baixada de Salinas, de modo geral, os jovens demonstram que as condições de trabalho são ruins para todos. Os jovens falam que o trabalho na agricultura é uma exploração da mão-de-obra e que existe pouco tempo livre para que as pessoas se cuidem. Por outro lado, eles também afirmam que, no campo, as formas de trabalho ainda contribuem para uma melhor qualidade de vida.

Esse reconhecimento sobre as dificuldades enfrentadas pelos que vivem no campo, que parecem contraditórias, é levado em consideração quando chega a hora de decidir sobre o futuro. Observei que a facilidade existente, hoje, em concluir os estudos e chegar à faculdade, de se manterem próximos aos seus familiares e amigos, demonstra que, se, por um lado, a cidade exerce influência sobre seus projetos de vida, por outro, ela não os determina. A relação entre trabalho e educação é uma estratégia que oferece aos jovens a oportunidade de continuarem trabalhando e morando no mesmo lugar. A imagem de rural, que aparece nos discursos dos jovens, ao mesmo tempo em que afirma que ali é lugar de trabalho “pesado” e “penoso”, por outro lado, demonstra também satisfação, porque, diferentemente da cidade, não há desemprego e violência. São essas representações de campo e cidade que afastam e aproximam os jovens do campo, influenciando também nos seus projetos de vida.

Os jovens de Baixada de Salinas não estão distantes de outras realidades brasileiras ou latino-americanas. A aproximação com a sede do município, a escolarização dirigida para a permanência no campo, que também possibilita a continuação dos estudos daqueles que pretendem fazer uma faculdade ligada a outras áreas do conhecimento, fora do universo rural, lhes abrem maiores oportunidades de trabalho e estudo de forma que não tenham que se afastar do seu local de origem. A melhoria da qualidade de vida desses jovens, principalmente daqueles em piores condições de reprodução social, parece depender de vários incentivos em que a família, as instituições de educação e assistência técnica exercem

papel fundamental, seja no sentido de mantê-los no trabalho no campo, seja mantendo-os no campo, mas trabalhando em outras atividades, inclusive na sede do município.

## CONCLUSÃO

De modo geral, os jovens rurais atribuem novos sentidos ao campo e à identidade de agricultor familiar. Procuram afastar-se de uma imagem que os associem a um rural atrasado (pessoas analfabetas, desinformadas sobre assuntos gerais, sem acesso a novas tecnologias, entre outros). Eles buscam identificar-se com uma juventude moderna, em que se torna fundamental a incorporação de novos valores (por exemplo, relacionamentos abertos, como o “ficar” ao invés de namorar, que exige compromisso), novas tecnologias (uso da Internet, inclusive em *sites* de bate-papo e Orkut), inclusive no sentido de organizar a produção agrícola familiar. Nesse sentido, a educação do Ibelga é parte fundamental para esses jovens que estão em sintonia com os valores urbano-industriais proporcionados pela aproximação com a cidade. Eles desejam desvencilhar-se da imagem tradicional do agricultor familiar, daquele que coloca a “mão na terra”. Portanto, até que ponto a educação técnica desses jovens estaria contribuindo para uma ruptura com as formas tradicionais da organização da agricultura familiar e representaria uma nova imagem de agricultor, já que, na forma tradicional, aquele que domina o conhecimento sobre a produção agrícola familiar é, ao mesmo tempo, aquele que pratica o trabalho na lavoura? Muitos jovens de Baixada de Salinas desejam permanecer nas atividades agrícolas, mas isso não quer dizer que todos os jovens rurais desejam a mesma coisa. Para muitos, principalmente os filhos de meeiros, arrendatários e trabalhadores assalariados, as atividades urbano-industriais podem ser uma saída para a falta de perspectiva de trabalho bem remunerado no campo, principalmente para as moças.

Afirmo que a educação técnica rural colabora para que as famílias possam permanecer no campo, principalmente capacitando os jovens, filhos de pequenos agricultores consolidados. Os que afirmam que continuarão atuando na agricultura utilizam-se da categoria “administrador” (ou administradora) para se referir ao seu futuro.

Na verdade, as perspectivas dos jovens, quanto ao futuro, são alimentadas pelas diferentes possibilidades econômicas, mas também sociais, como as condições de gênero e geração. A escola, por sua vez, contribui para essa mudança de perspectiva quanto à forma de permanecer no campo, já que insere uma visão mais técnica, e por que não dizer mais “empresarial”, na formação dos jovens rurais, pois a propriedade familiar também pode ser vista como uma empresa familiar.

No que diz respeito ao projeto e às condições da escola, eles demonstram como a educação exerce um papel fundamental quanto ao futuro dos jovens rurais, mesmo para aqueles que não pretendem seguir a carreira de agricultor. A relação da escola com o município, com o estado e com uma instituição belga corrobora para que a população local participe, pois os recursos financeiros tornam a escola um local propício para novas experiências pedagógicas comunitárias, algo que precisa ser explorado em novos estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo *et al.* *Juventude e a agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.
- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*, 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 1993.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Lisboa: Porto, 1994.
- CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARNEIRO, M. J. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos T. (Org.). *Mundo rural e política*: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 94-118.

DURSTON, J. Estrategias de vida de los jóvenes rurales en América Latina. In: *Juventude rural: modernidad y democracia en América Latina*. Santiago de Chile: Cepal, 1996.

\_\_\_\_\_. Juventude y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. *Serie Políticas Sociales*, Santiago do Chile, Comisión Económica para América Latina y el Caribe, n. 28, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação básica, formação técnico-profissional, requalificação e empregabilidade. In: *Anais da 48ª Reunião Anual da SBPC*, PUC-SP, v. 1, 1996.

GALLAND, O.; LAMBERT, Y. *Les jeunes ruraux*. Paris: Inra/Éditions l'Harmattan, 1993.

HERNÁNDEZ, O. A. *El Desarrollo Profesional Creador (DPC) como dimensión del proyecto de vida en el ámbito profesional*, 2000. Disponível em: <[www.clacso.org/](http://www.clacso.org/)>. Acesso em 12 nov. 2003.

OLIVEIRA, Edmar G. *O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista (MG)*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado Profissional em Meio Ambiente e Sustentabilidade, Unec, Minas Gerais.

PEREIRA, Jorge L. G. *Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade*. 2004. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura, UFRRJ, Rio de Janeiro.

PESSOTTI, Alda Luzia. Escola-família: a pedagogia da alternância no meio rural. *Fórum Educacional*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, abr./jun. 1981.

RODRÍGUEZ, E. Los desafíos de fin de siglo y la problemática juvenil rural en América Latina. In: *Juventude rural: modernidad y democracia en América Latina*. Santiago de Chile: Cepal, 1996, p. 33-54.

ROTHMAN, F. D. O estudo de caso como método científico de pesquisa. In: 1º Simpósio de Economia Familiar. *Economia familiar: uma olhada sobre a família nos anos 90*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1994, p. 994.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

---

JORGE LUIZ DE GOES PEREIRA é doutor em desenvolvimento, sociedade e agricultura, CPDA, UFRRJ; professor do mestrado profissional em meio ambiente e sustentabilidade, Unec, Minas Gerais, <jolugope@uol.com.br>.